

A retextualização da oralidade no telejornal bom dia São Paulo

The retextualization of orality in telejornal bom dia São Paulo

Edson Roberto Bogas Garcia¹

Luis Roberto da Silva²

Resumo

Por meio da linguagem, podemos perceber o mundo em que vivemos, produzindo relações que nos permitem situar como indivíduos que pertencem a uma determinada comunidade. Procurar entender suas variações, potencialidades e suas finalidades, enfim, torna-nos capazes de compreender diferentes situações, diferentes olhares, diferentes maneiras, de, por exemplo, noticiar um acontecimento, narrar um episódio e manifestar ideologias. A partir dessa proposição, a presente pesquisa tem como objetivo analisar o uso da oralidade nas apresentações das reportagens do telejornal matinal “Bom Dia São Paulo” da Rede Globo. Para tanto, utilizamos o arcabouço teórico de retextualização, proposto por Marcuschi (2004). De acordo com o autor, são nove operações realizadas para a transcrição de um texto oral para o escrito. O *corpus* escolhido foi ‘as cabeças das matérias’ dos apresentadores, Rodrigo Bocardi e Glória Vanique, de duas edições, exibidas em uma sexta-feira. O primeiro jornal foi apresentado no dia 27 de fevereiro de 2015 e o segundo, um mês depois, 27 de março de 2015. Notamos que, em grande parte das análises, foi possível a retextualização, motivo pelo qual comprovamos nossa tese inicial sobre o uso da linguagem oral no telejornal pesquisado.

Palavras-chave: Jornalismo. Retextualização. Oralidade. Telejornalismo.

Abstract

Through language* we can understand the world we live in, producing relationships that allow us to situate ourselves as individuals belonging to a particular community. Trying to understand variations, potential and purposes of language, in short, makes us able to realize different situations, different looks, different ways, for example, in reporting an event, narrating an

¹ Doutor em Estudos Linguísticos pela UNESP - Universidade Estadual Paulista, Campus de São José do Rio Preto. UNIFEV - Centro Universitário de Votuporanga.

² Graduado em Jornalismo pela UNIFEV - Centro Universitário de Votuporanga-SP.

episode and expressing ideologies. From this proposition, this research aims at analyzing the use of oral presentations of the reports of the morning news program “Bom Dia São Paulo” from Rede Globo. Therefore, we used the theoretical framework of retextualization proposed by Marcuschi (2004). According to the author, there are nine operations to the transcript of an oral text to written text. The chosen corpus was ‘the heads of the articles’ of the hosts, Rodrigo and Gloria Bocardi Vanique, from two editions, displayed on Friday. The first program was presented on February, 27th 2015 and the second was presented a month later, March 27th, 2015. We note that in most of the analyses, the retextualization was possible, which is why we prove our initial thesis on the use oral language of the newscast researched.

Keywords: Journalism. Retextualization. Orality. Telejournalism.

Considerações iniciais

A linguagem, produto dos anseios humanos e na qual se manifestam desejos, ideologias e sentimentos, está presente em nosso cotidiano, possibilitando a expressão do que percebemos em relação ao mundo em que vivemos, produzindo relações que nos permitem situar como indivíduos que pertencem a uma determinada comunidade.

Podemos perceber essa característica marcante e complexa desse meio que possibilita nossa comunicação ao nos atentarmos para a comparação que Lyons faz da definição de linguagem com a da vida:

Evidentemente, ‘O que é a vida?’ não é o tipo de pergunta que um biólogo tenha constantemente diante de si em seu trabalho cotidiano... não se trata tanto da pergunta em si quanto da interpretação particular que o biólogo a ela atribui e do desvendado de suas implicações mais detalhadas dentro de uma estrutura teórica atualmente aceita que alimentam a pesquisa e as especulações diárias destes cientistas. O mesmo ocorre com o linguista em relação à pergunta “O que é lingua(gem)?” (1982, p. 00)

Independentemente da complexidade de algumas investigações já realizadas acerca do tema, é indiscutível a sua importância, “no sentido de planejar nossa vida e de entender a importância de sua construção” (GARCIA, 2012, p. 15). Procurar entender suas variações, potencialidades e suas finalidades, enfim, torna-nos capazes de compreender diferentes situações, diferentes olhares, diferentes maneiras, de, por exemplo, noticiar um acontecimento, narrar um episódio e manifestar ideologias.

A partir dessas considerações, o presente artigo tem a finalidade de verificar a utilização da linguagem oral empregada no Jornal Bom Dia São Paulo, a fim de ratificar a proposição de que o texto de TV deve ser coloquial e preciso, como uma conversa entre duas pessoas.

Linguagem verbal: a medida certa na comunicação

Estamos, a todo instante, em nossa comunicação diária, produzindo textos para chamar a atenção de nosso receptor, com o intuito de estabelecer um contato. Nesse processo, quando utilizamos as palavras, de forma escrita ou oral, fazemos uso da linguagem verbal. Para Boysson-Bardies (2007, p. 21):

É um sistema de referência que tem propriedade de não estar atada ao momento; por isso o homem pode falar de tudo: evocar o passado, imaginar mundos virtuais ou futuros, narrar seus sonhos etc. Tudo o que sente, percebe, faz, pensa e imagina pode ser transmitidos mediante uma expressão verbal¹.

Nesse tipo de linguagem, a mais antiga é a fala. De acordo com Stubbs (1980, p. 17), Trata-se apenas de perceber que a oralidade tem uma “primazia cronológica” indiscutível sobre a escrita. “O ato da fala vem sempre antes da língua. A fala está depositada no cérebro. É a fala que evolui a língua. São as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam os hábitos linguísticos, por exemplo, dois falantes (emissor-receptor) em comunicação” (SANTOS, 2015).

A partir daí, houve a necessidade de se registrar o que era dito. Uma maneira de dar mais confiança à comunicação a distância e também para preservar documentos.

Landsmann (1995, p. 05) diz que o escrever é “a mais importante forma de registro gráfico inventado pelo homem”. Com esse pensamento é possível afirmar que, por conta da escrita, a fala é eternizada. A escrita tem um papel fundamental, principalmente na atualidade: é uma extensão das habilidades humanas. Marcuschi (2004, p. 16) diz que é uma ferramenta essencial no cotidiano, independentemente do grupo social do qual fazemos parte:

Numa sociedade como a nossa, a escrita, enquanto manifestação

³ Es un sistema de referencia que tiene la propiedad de no estar atado al momento; por eso el hombre puede hablar de todo: evocar el pasado, imaginar mundos virtuales o futuros, narrar sus sueños, etc. Todo lo que siente, percibe, hace, piensa e imagina puede ser transmitido mediante una expresión verbal.

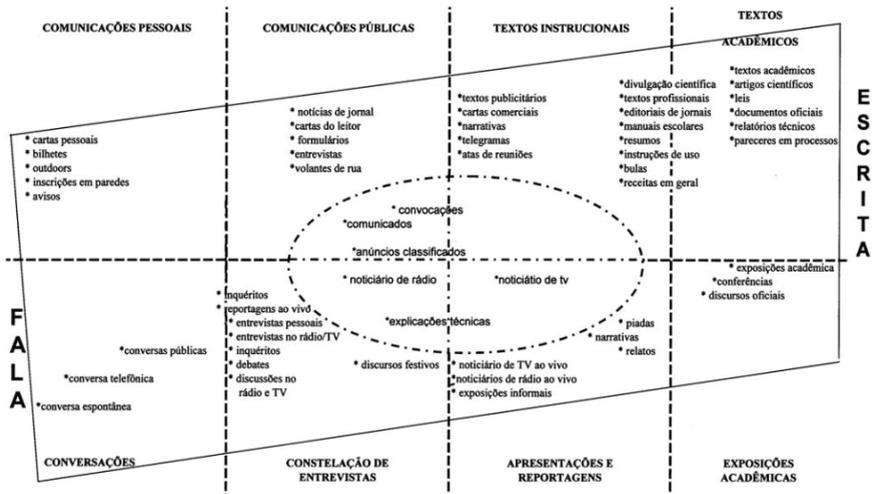
formal dos diversos tipos de letramento, é mais do que uma tecnologia. Ela *se tornou* um bem social indispensável para enfrentar o dia-a-dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural.

As produções históricas e sociais da fala e da escrita possibilitaram a individualização de algumas características próprias de cada uma das modalidades, embora pertencentes ao mesmo sistema linguístico. No entanto, Koch (2011, p. 77) afirma que:

Isso não significa, porém, que fala e escrita devam ser vistas de forma dicotômica, estanque, como era até há algum tempo e, por vezes, acontece ainda hoje. Vem-se postulando que os diversos tipos de práticas sociais de produção textual situam-se ao longo de um contínuo tipológico, em cujas extremidades estariam, de um lado, a escrita formal e, de outro, a conversação espontânea, coloquial.

Para elucidar melhor essa questão, pareceu-nos interessante reproduzir o gráfico apresentado por Marcuschi (2004). Nele, diversos segmentos, dentro da comunicação, são divididos nas duas modalidades: fala e escrita. Conforme a mensagem é passada ao receptor, o autor distribui a qual classe os produtos pertencem.

Figura 1: Contínuo entre as linguagens oral e escrita



Fonte: (MARCUSCHI, 2004, p.41)

Dessa forma, podemos perceber que, nesse contínuo, dentro do segmento “Comunicações Públicas”, o autor atribui maior importância à fala, sem, no entanto, deixar de lado a escrita. São exemplos, as notícias de jornal, entrevistas no rádio/TV e as discussões no rádio/TV. No segmento “Textos instrucionais”, observamos uma mudança: a escrita tem maior evidência. É o que notamos nos noticiários de rádio e TV ao vivo.

A linguagem verbal telejornalística

Por meio do quadro acima, podemos perceber que é possível encontrar, na linguagem verbal do telejornalismo, evidências de que a transmissão das notícias apresenta marcas, tanto da língua escrita quanto da oral. Atributos da fala são mais evidenciados quando voltados ao telejornalismo. Oralidade que, segundo nosso ponto de vista, é uma exigência desse segmento jornalístico.

Preti (2000, p. 62) acredita que os meios de comunicação tentam, atualmente, para satisfazer o destinatário, aproximar as duas línguas: “A imprensa, o rádio, a TV e o cinema servem-se, quase sempre, de uma norma comum, intermediária, que satisfaz ao receptor, aproximando-se de sua linguagem falada e, por outro lado, não choca as tradições escritas”.

Curado (2002, p. 125) nos alerta de que é preciso, para a TV, “Escrever da maneira como se fala”. Nesses dizeres, a pesquisadora é precisa em afirmar como o produto telejornalístico deve ser redigido. Diferentemente do jornal impresso, o telespectador não tem tempo para ouvir novamente e buscar uma explicação melhor sobre aquilo que acabou de ver na televisão. Por isso, é fundamental que o texto seja simples, como uma conversa informal com seu vizinho. “Se o espectador precisar se perguntar se compreendeu o sentido do que ouviu, a notícia não foi dita com clareza” (CURADO, 2002, p. 20).

Outro autor acredita que, quando o leitor e o telespectador acompanham uma notícia, eles não avaliam as técnicas utilizadas para que a informação chegue até o público. Dessa maneira, quando esse destinatário compreende de maneira eficaz a mensagem, os envolvidos com o processo de informar entendem que o objetivo proposto foi alcançado. É o que aborda Lage (2001, p. 9):

Não se espera que, ao ver a notícia de um acontecimento qualquer, alguém diga “que notícia bem escrita!” ou “que layout espetacular!”; o redator ficará gratificado e o projetista satisfeito se o leitor se motivar pelo acontecido, entender o que aconteceu e tiver condições de formar juízo adequado a respeito.

A tarefa de escrever para TV é um desafio constante. O profissional deve estar disposto a aprender diariamente para conseguir passar a mensagem com êxito ao telespectador. É o que afirma Paternostro (1994, p. 42):

Coloquial, claro e preciso. Objetivo, direto. Informativo, simples e pausado. São características de um texto jornalístico de televisão. São também desafios para quem quer escrever para TV. O jornalista, ao se colocar como um intermediário entre a TV e o telespectador, tem que rever conceitos. Descobrir o papel da palavra na TV é um novo aprendizado. E obter um resultado de boa qualidade requer dedicação maior.

E não basta apenas escrever bem para ser falado, é preciso também ser criterioso na escolha correta das palavras. Cada uma deve ser pensada de acordo com o público a que a mensagem deve chegar. “Quanto mais as palavras (ou o texto todo como um todo) forem familiares ao telespectador, maior será o grau de comunicação” (PATERNOSTRO, 2006, p. 95).

Outra ferramenta muito usada nos textos noticiosos de televisão, que se aproxima muito à fala, é a repetição das palavras. Para que a compreensão seja satisfatória, é indicado que se repitam as informações. Essa é uma estratégia para que espectador televisivo não fique perdido, já que dificilmente ele poderá ouvir novamente o que foi dito:

É preferível a repetição de palavras, ideias ou nomes para acentuar a retenção da informação, despojamento de estilo, em função da riqueza do conteúdo e, mesmo porque, o telespectador não tem a oportunidade de recorrer novamente à locução, porque só ouve, não tendo meios para solicitar sua repetição (CUNHA, 1990, p. 75).

Isso não significa, no entanto, que as palavras devem ser repetidas desnecessariamente, pois a sua repetição excessiva torna o texto enfadonho e cria, no telespectador, a imprecisão dos fatos:

O texto jornalístico de televisão deve ter ainda duas qualidades fundamentais: **precisão*: use palavras exatas, adequadas ao que se quer informar, palavras que não tenham duplo sentido. Escolha bem as palavras. E, se usar algum termo que possa vir a confundir o telespectador, vale a pena perder um tempinho explicando o sentido exato dele. **concisão*: use frase que tenham o máximo de informação com o mínimo de palavras. Se as palavras forem precisas, naturalmente a frase

vai ser concisa, transmitir o essencial e o texto será “enxuto” (PATERNOSTRO, 2006, p. 98).

São essas características que fazem o texto se aproximar do telespectador, visando à audiência e sua eficácia da recepção da mensagem.

Análise do Bom Dia São Paulo

O *corpus* de estudo escolhido na presente investigação foi o telejornal matinal da Rede Globo de Televisão “Bom Dia São Paulo”. Chegamos a esse programa por apresentar evidências marcantes do uso da linguagem oral.

O “Bom Dia São Paulo” estreou no dia 18 de abril de 1977. Ele foi o primeiro telejornal no período da manhã na emissora. A aposta do noticioso foi um jornalismo dinâmico, com foco para a prestação de serviços e entradas ao vivo de vários pontos da capital paulista e depois com a participação de praças do interior.

Por conta do dinamismo, o telejornal exige uma linguagem ágil. Assim, consegue uma aproximação maior com o telespectador, já que o modo de apresentação da notícia é bem próximo a uma conversa informal.

Analisaremos ‘as cabeças das matérias⁴’ dos apresentadores, Rodrigo Bocardi e Glória Vanique, de duas edições, exibidas em uma sexta-feira. O primeiro jornal foi apresentado no dia 27 de fevereiro de 2015 e o segundo, um mês depois, 27 de março de 2015.

Para averiguar as marcas de oralidade no “Bom Dia São Paulo”, utilizaremos o diagrama de Marcuschi (2004). Nele, o autor sugere nove operações para a passagem de um texto oral para o escrito. Conforme as normas são aplicadas aos textos, é possível evidenciar a presença da oralidade. Se ao menos uma única operação for detectada, se comprova o uso da língua oral.

⁴ De acordo com Paternostro (2006, p. 196), entende-se que “Cabeça da matéria” É o *lead*. É sempre lida pelo apresentador e dá o gancho da matéria.

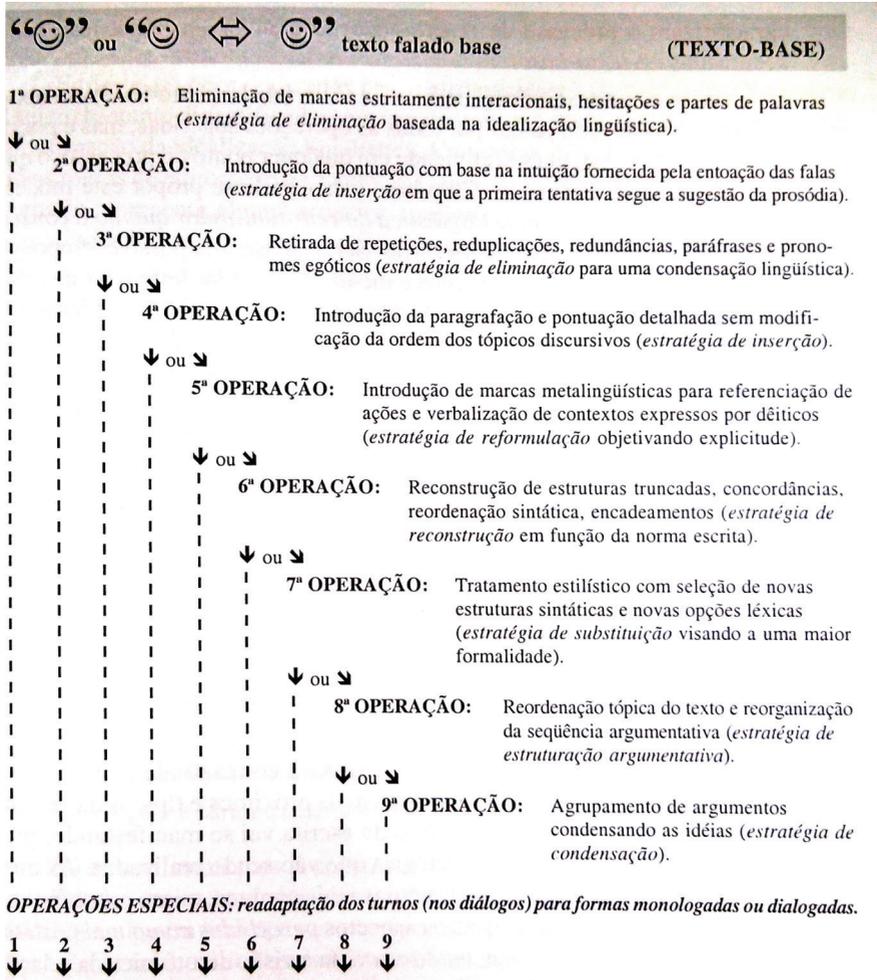


Figura 2: Diagrama das nove operações de retextualização
Fonte: (MARCUSCHI, 2004).

Análises e comentários

Esta seção tem como finalidade observar quais operações podemos perceber em algumas notícias veiculadas pelo telejornal Bom dia São Paulo, tomando como base a proposição de Marcuschi (2004) para constatação das marcas orais presentes na elaboração das mensagens a serem analisadas. Para isso, elaboramos duas tabelas: a do lado esquerdo contém a transcrição fiel do texto produzido; e do direito, o processo de retextualização, que é transcrição textual. Assim, caso haja operações, haverá, consequentemente, a comprovação dessa oralidade.

A primeira análise será de uma ‘Nota Coberta’ sobre a explosão de um caixa eletrônico, exibida no dia 27 de fevereiro de 2015. Rodrigo Bocardi anuncia o conteúdo, dentro de uma linguagem padrão telejornalística (escrita) e durante a veiculação das imagens, ele diz o que está ocorrendo⁵:

<p>Dá pra ouvir uma explosão, quer ver? Os criminosos passam correndo... Testemunha que gravou essas imagens disse que:: eram pelo menos dez ladrões... alá, oh! Daqui a pouco você vai ver a imagens de dois carros... alá, tá encostando na verdade... dois carros brancos encostam e aí vários tiros foram disparados... quer ver? Tá louco... quando o bando foi embora de perto deu pra ver os estragos aí oh... vamos saber outros detalhes desse caso... repórter Cíntia Toledo tá em Guarulhos... Cíntia conta pra gente aí... nossa assus// essas imagens assustadoras, hein... quanto tiro... quanta coisa... e no fundo no fundo é o que acontece... é que a gente tem o retrato né... a gente tem o flagrante... mas é o que tem acontecido sempre... em todos os lugares... aliás a gente até:: tava até comentando né... a gente num:: por uns dias a gente ficou sem ouvir essas histórias aí de caixa eletrônico... agora volta com o registro... um flagrante inclusive de tiro que não acaba mais... qual a situação agora... dia já claro... bom dia pra você.</p>	<p>Ouve-se uma explosão. Veja! Os criminosos passam correndo. A testemunha que gravou essas imagens disse que eram, pelo menos, dez ladrões. Daqui a pouco, você verá a imagem de dois carros brancos que estacionam e, em seguida, vários tiros. Quando o bando foi embora, pudemos verificar os estragos. Saberemos outros detalhes deste caso. A repórter Cíntia Toledo está em Guarulhos e nos conta. Imagens assustadoras! Muitos tiros! É o que sempre tem ocorrido. É o que agora temos o flagrante. É o que sempre ocorre em todos os lugares. Estávamos comentando que por uns dias, não ouvíamos essas histórias de caixa eletrônico. Agora volta um registro, inclusive com vários disparos. Qual a situação nesta manhã? Bom dia.</p>
---	---

⁵ Os sinais adotados para a transcrição da decupagem foram: a) ... para pontuação pausada; b) :: para prolongamento da fala; c) // para interrupção da palavra.

Operações realizadas:

- 1^a) Eliminação dos marcadores típicos da fala, de hesitações, e da interrupção de palavras: “Alá, oh!” “Aí oh”. “hein”, “né”, “Tá louco...”, “Aliás a gente até:: tava até comentando, né, a gente num:: por uns dias a gente”, “Cíntia conta pra gente aí. Nossa assus... essas imagens assustadoras”.
- 2^a) A inserção da pontuação é clara e segue, geralmente, a entoação.
- 3^a) Retirada de repetições: “Cíntia Toledo tá em Guarulhos... Cíntia conta pra gente aí...”
- 6^a) Reconstrução de concordâncias: “é que a gente tem o retrato né... a gente tem o flagrante...”
- 7^a) Foi dado um tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas em grande parte do texto. Exemplo: “Dá pra ouvir uma explosão... quer ver?”, para: “Ouve-se uma explosão. Veja!” e “estacionam” ao invés de “tá encostando” e “encostam”.

Passemos a verificar a nota pé⁶ da mesma notícia:

<p>É:: e daí em um monte de discussão aí pra ver o que que faz cortina de fumaça... tinta na nota... só que fica essa discussão é... numa... numa morosidade que é totalmente inversa da velocidade dos bandidos né... de... de atacar... impressionante e violência inclusive... obrigado Cíntia Toledo pelas informações... um bom dia pra você.</p>	<p>A partir desses fatos, muitas discussões do que se fazer: cortina de fumaça ou tinta nas notas? Contudo, há uma demora, ao contrário da velocidade dos ataques dos bandidos, impressionante e, inclusive violenta. Obrigado, Cíntia Toledo pelas informações. Bom dia!</p>
--	---

Operações realizadas:

- 1^a) Eliminação dos marcadores típicos da fala e de hesitações: “É::”, “o que que faz”, “né...”, “numa... numa morosidade”, “de... de atacar...”.
- 2^a) A inserção da pontuação é clara e segue, geralmente, a entoação.
Observação: Houve a necessidade de se colocar uma vírgula após a lexia “obrigado”, por tratar de vocativo.
- 3^a) Retirada de repetições: “discussão”.

⁶ da no final da matéria, com informações complementares à reportagem.

- 6^a) Utilização do item “contudo” para melhor encadeamento da argumentação.
- 7^a) Foi dado um tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas em grande parte do texto. Exemplo: “e daí em um monte de discussão aí pra ver o que que faz”.

Em seguida, procedemos à averiguação da cabeça, que se trata de um convite cultural de uma exposição de fotos:

<p>Todo:: mundo se lembra daquele acidente terrível né que matou o candidato a presidência da república Eduardo Campos... pois é... muitos profissionais que trabalhavam na campanha morreram também... entre eles um fotógrafo... e agora ele ganha uma homenagem numa galeria da Zona Oeste de São Paulo... vamos então pra mais uma dica cultural.</p>	<p>Todos se lembram do acidente terrível que matou o candidato a presidência da república Eduardo Campos. Muitos profissionais, que trabalhavam na campanha, morreram também entre eles um fotógrafo. Agora, ele ganha uma homenagem em uma galeria da Zona Oeste de São Paulo. Veja mais uma dica cultural.</p>
---	--

Operações realizadas:

- 1^a) Eliminação dos marcadores típicos da fala e de hesitações: “Todo::”, “né”, “pois é”.
- 2^a) A inserção da pontuação é clara e segue, geralmente, a entoação.
- 7^a) Foi dado um tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas em grande parte do texto. Exemplo: “Todo:: mundo se lembra”, “vamos então pra mais uma dica cultural”.

A última análise foi extraída de uma parte do telejornal chamado ‘Quadro Verde’. Nessa edição, Rodrigo Bocardi interage com Glória Vanique para chamar a reportagem. Na volta, é feita uma nota pé, com dicas.

<p>Tá certo... Ananda Apple... olha que eu aprendi também aqui... Glória Vanique disse que o irmão tem um orquidário... então sabe tudo de orquídea... assoprou aqui pra mim que pra adubar a oncídeo é só assoprou aqui pra mim usar um adubo muito comum, bem fácil de ser encontrado em floriculturas... é o NPK202020... tá certo? NPK202020... é isso aí... a base de nitrogênio... fósforo e potássio... vinte de cada um então... tá certo! Tem que aplicar uma ou duas vezes por mês.</p>	<p>Está certo, Ananda Apple. Olhe o que aprendi também. Glória Vanique disse que o irmão tem um orquidário e sabe tudo sobre orquídea. Ela contou que para adubar a ‘oncídeo’ basta utilizar um adubo comum, bem fácil de se encontrar em floriculturas. É o NPK202020, certo? A base de nitrogênio, fósforo e potássio. Vinte de cada. Aplica-se de uma a duas vezes ao mês.</p>
---	---

Operações realizadas:

- 1ª) Eliminação dos marcadores típicos da fala, de hesitações, e da interrupção de palavras: “Tá”, “então...”.
- 2ª) A inserção da pontuação é clara e segue, geralmente, a entoação.
- 3ª) Retirada de repetições e de pronome egótico: “tá certo!”, “eu”, bem como do advérbio “aqui”.
- 7ª) Foi dado um tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas em grande parte do texto. Exemplo: “assoprou aqui pra mim”, “Tem que aplicar uma ou duas vezes por mês.”

Considerações finais

Verificamos, em nosso estudo, que a linguagem é uma ferramenta essencial para a comunicação, por isso, consequentemente, importante para a estrutura do telejornalismo, o qual deve usar com competência, tanto da verbal quanto da não-verbal.

A partir dessa proposição, no primeiro capítulo, foi realizado um levantamento bibliográfico acerca da linguagem humana. Pontuamos que a primeira forma de comunicação estabelecida entre os humanos foi a fala, depois a escrita, que veio para registrar e eternizar o que era dito.

Essa premissa permitiu-nos concluir que, no telejornalismo, é fundamental obedecer à norma culta da língua escrita, mas procurando uma aproximação, sempre que possível, com os aspectos orais da linguagem, com o intuito de estabelecer uma relação mais eficaz com o telespectador.

Para comprovarmos tal expectativa, elaboramos um *corpus*, pautando-nos na linguagem usada no telejornalismo do “Bom Dia São Paulo” da Rede Globo de Televisão. Analisamos, resumidamente, alguns trechos do noticioso matinal para atestar o uso da oralidade presente no noticioso. Baseamos nossa metodologia de trabalho na proposta de Marcuschi (2004), em que se analisam as nove operações linguístico-textuais-cognitivas na passagem da língua oral para a língua escrita.

Notamos que, em grande parte das análises, foi possível a retextualização, motivo pelo qual comprovamos nossa tese inicial sobre o uso da linguagem oral no telejornal pesquisado. Consideramos essa perspectiva de investigação importante para novos trabalhos que visem a demonstrar a importância da oralidade na mídia, com o objetivo de aproximar apresentador-notícia-telespectador.

Referências

- BOYSSON-BARDIES, B. de. *Qué es el lenguaje?* México: FCE, 2007.
- CUNHA, A. A. *Telejornalismo*. São Paulo: Atlas, 1990.
- CURADO, O. *A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo*. São Paulo: Alegro, 2002.
- GARCIA, E. R. B. *Homem que é homem compra: protótipo de dicionário para redatores publicitários*. 2012. 259 f. Tese (doutorado em Estudos Linguísticos)- Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2012.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- LAGE, N. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LANDSMANN, L. T. *Aprendizagem da linguagem escrita: processos evolutivos e implicações didáticas*. São Paulo: Ática, 1995.
- LYONS, J. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Tradução de Marilda Winkler Averbug e Clarisse Sieckenius de Sousa. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- PATERNOSTRO, V. I. *O texto na tv: manual de telejornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. *O texto na tv: manual de telejornalismo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PRETI, D. (Org). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2000.

REZENDE, G. J. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.

SANTOS, C. Língua+ linguagem = *comunicação*. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 4., 2000, Rio de Janeiro. *Cadernos Eletrônicos...* Rio de Janeiro: UERJ, 2000. Caderno Semiótica, Discurso, Leitura, História da Língua Portuguesa e Neurolingüística Aplicada, Série IV, n.12. Disponível em: <<https://goo.gl/yP08H4>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

SQUIRRA, S. *Aprender telejornalismo produção e técnica*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

STUBBS, M. *Language and literacy: the sociolinguistics of reading and writing*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980.

Recebido em: 04/08/2016

Aprovado em: 22/10/2016